

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

Ethnographic journalism: a dengue mobilization report

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



ANA PAULA MACHADO VELHO¹

DIANA DOMINGUES²

TIAGO FRANKLIN LUCENA³

VINÍCIUS DURVAL DORNE⁴

RESUMO

Este relato apresenta um conjunto de práticas de jornalismo etnográfico, realizado em Maringá, Paraná, Brasil. A partir dos conceitos de mobilização social, ativismo e jornalismo etnográfico, foram desenvolvidas ações no bairro do Borba Gato, em Maringá, com o objetivo de despertar ações de enfrentamento à epidemia de dengue. O grupo de pesquisadores e futuros jornalistas organizou oficinas com 22 alunos do Colégio Estadual Tomaz Edson, localizado num dos locais mais atingidos pela dengue na cidade. A partir do material sugerido pelos adolescentes, oito formandos de jornalismo e três professores do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar) – percorreram as ruas do bairro, abordando crianças e moradores. Após essa imersão na cidade, surgiram produtos jornalísticos que foram embasados na abordagem do jornalismo etnográfico e incorporados como ferramentas midiáticas na luta contra a epidemia de dengue.

PALAVRAS-CHAVE

Palavras-chave: Mobilização social. Ensino de Jornalismo. Promoção da saúde.

ABSTRACT

This report presents a set of ethnographic journalism practices, held in Maringá, Paraná, Brazil. Based on the concepts of social mobilization, activism and ethnographic journalism, actions were developed in the Borba Gato district of Maringá, in order to wake up actions against the dengue epidemic. The group of researchers and future journalists organized workshops with 22 students of State College Tomaz Edson, located in one of the places most affected by dengue in the city. From the material suggested by the adolescents, eight undergraduates journalism students and three teachers of the University Center Of Maringá (UniCesumar) - walked in the streets of the neighborhood, addressing children and residents. After this immersion in the city, journalistic products were developed based on the ethnographic approach as media tool to fight against the dengue epidemic.

KEYWORDS

Social mobilization. Journalism education. Health promotion.

Recebido em: 30/09/2015. Aceito em: 22/04/2015.

¹ Pós-doutora em Arte e Tecnologia pela Universidade de Brasília (UnB). Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade da Cidade (UNIVERCIDADE). Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar). E-mail: anapaula.mac@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3136544073514958>.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciada em Letras e Literatura Portuguesa e Francesa e em Artes pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Biomédica e do em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: dgdomingues@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5043080196932200>.

³ Doutor e mestre em Artes pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Arte e Mídia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar). E-mail: tiagofranklin@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7804682618173184>.

⁴ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário Cesumar (UniCesumar). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: dorne.vinicius@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1275831545879764>.

1 INTRODUÇÃO

Este relato conta o processo de desenvolvimento de ações de comunicação que se mostraram eficazes em projetos de intervenção na área da saúde, mais especificamente no bairro Borba Gato, em Maringá, Paraná, em 2014. A intervenção, foi realizada por acadêmicos e professores dos cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar) em parceria com estudantes do Colégio Estadual Tomaz Edson, localizado num dos locais mais atingidos pela dengue na cidade

Partiu-se da intenção em acionar jornalistas como mobilizadores. Esse profissional pode ser um agente transformador de cidadãos em atores sociais, contribuindo, para que a população possa se ver como responsável pela própria qualidade de vida. As ações endereçavam a mudança de hábitos em relação a ao seu bem estar, bem como ao ambiente enfermo que as cidades apresentam.

Considera-se como sinal de enfermidade do ambiente a epidemia de dengue que assola o Brasil, e que está intimamente ligada às qualidades ambientais dos centros urbanos. Sabe-se que a qualidade do espaço reflete no bem estar do cidadão e o próprio conceito de saúde, ratificado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e empregado mundialmente, considera saúde como:

[...] o resultado de complexas redes causais que envolvem elementos biológicos, subjetivos, sociais, econômicos, ambientais e culturais que se processam e sintetizam na experiência concreta de cada sujeito singular, de cada grupo em particular e da sociedade em geral. (BRASIL, 2009, p. 5).

A cidade de Maringá, no noroeste do estado do Paraná, foi uma das que mais sofreram no estado com a epidemia de dengue que assolou o país, em 2007. Em 2013, mais 11 municípios do noroeste do Paraná registraram epidemia de dengue. Cenário que se repetiu em 2014. O Levantamento de Índice do Mosquito *Aedes aegypti* (LIRA), mostrou que os casos continuaram a ser notificados e confirmados: até novembro daquele ano, houve 7.466 notificações, 3.596 casos confirmados e três mortes por dengue em Maringá.

O LIRA apontou, ainda, que o lixo e outros resíduos domésticos continuam sendo os principais criadouros do mosquito. Aparecem, em sequência, os pratinhos de vasos de plantas, barris e tinas, pneus e depósitos fixos. Segundo o

relatório, se as pessoas cuidassem do lixo e eliminassem os pratos dos vasos de plantas, 80% dos focos seriam eliminados. Vê-se que são ações a serem executadas dentro das residências e que exigem a mobilização das pessoas.

Diante desse quadro, é preciso pensar como o jornalista deve se posicionar frente às questões e demandas da sociedade. A premissa que orientou essa investida na cidade é que, contemporaneamente, o jornalista deve passar de um mero reprodutor de notícias e produtor de conteúdos frios para se engajar junto à comunidade na mobilização e cuidado com o espaço em que ele atua. Como pondera Fernandes (2008), amparado em discussões do campo do Jornalismo de contato com a comunidade (*Civic journalism*), os jornalistas e profissionais da área não podem ser vistos como ingênuos, capazes de abdicar de seus interesses e conhecimentos pessoais e profissionais na construção da notícia. Da mesma maneira, a mídia não pode se resumir ao papel do denunciamento, do noticiar fatos, sem refletir e atuar para a mudança da sociedade. Como expõe Rosen (1996), citado por Fernandes (2008, p. 32):

O jornalismo informativo clássico pressupõe a existência de uma esfera pública funcionando, na qual os assuntos coletivos são continuamente reconhecidos e discutidos. Por isso se pensa que é suficiente somente apresentar notícias, acrescidas de alguns testemunhos, além de publicar editoriais e fazer entrevistas de toda espécie.

Destarte, o que se propõe é que o jornalismo possa compartilhar experiências e interpretações da/sobre a realidade, possibilitando à comunidade se inteirar das situações vividas, empoderando-se na luta por questões que merecem soluções. Em tal prática, o jornalismo tem papel fundamental, de fomentar discussões, reunir comunidade, especialistas e poder público para que, juntos, possam compartilhar relatos, pontos de vistas, juntar forças na resolução de problemas.

Busca-se, então, um jornalismo engajado em prol da sociedade, que não pensa e produz 'para', mas que faça 'com' a comunidade. Um profissional cidadão que se preocupa com as áreas periféricas, com os bairros, em busca de soluções. Enfim, é o exercício contínuo 'da' e 'para' a cidadania. Outra reflexão que se apresenta aqui é do conceito de "jornalista operativo", cunhado por Cox e Krysa (2005) e retomado por Domingues (2007).

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

Essas questões têm sua origem na discussão que Walter Benjamin trouxe em meados do século passado, no texto *O autor como produtor* (1934), em que ele apresenta o papel do artista como diretor da atividade cultural com o desejo de mudança social. Benjamin comenta o trabalho de Tretiakov, um jornalista e escritor que se tornou porta-voz da Revolução Russa, indo buscar nas cooperativas agrícolas o lastro para as suas produções jornalísticas e artísticas, que foram expostas no cinema, no rádio, nos jornais e nos livros. A grande pergunta de Benjamin (1996), a partir da reflexão sobre o trabalho do colega, era a seguinte: que posição mantém uma obra ou uma produção com respeito às relações sociais de produção de sua época?

Este contexto traz à tona as discussões sobre o chamado jornalismo antropológico ou etnográfico. Esta área do jornalismo mistura as técnicas de apuração jornalística com o olhar do antropólogo sobre culturas, povos e comunidades diferentes. Ou seja, é um encontro que procura apreender o ponto de vista dos indivíduos de algum lugar, e o seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo, conforme aponta Malinowski (apud LAGO, 2002) uma das marcas distintivas do empreendimento antropológico. É o encontro com um *outro* por intermédio de um trabalho de campo, em que o observador deve apreender o ponto de vista do observado. É uma etnografia, um registro descritivo da vida e das organizações sociais. Sendo assim, o jornalista abandona o papel ocupado no *centro*, de quem tudo observa e relata, do *eu* onisciente, para pensar com o *outro*, por compreender que é por meio dessa relação dialógica que o próprio *eu* se constitui. Sendo assim, é por meio das relações de diferenciação, da alteridade constitutiva, que o jornalista pode compreender e buscar tornar a realidade inteligível.

Para o sociólogo contemporâneo Erik Neveu (2006), o jornalismo etnográfico se refere à busca por um tipo de cobertura mais preocupado com as vivências e interesses dos leitores. Para o autor, o jornalismo etnográfico propõe o relacionamento entre repórteres e as pessoas, bem como com os fatos que ele pesquisa. A responsabilidade social do jornalismo e a defesa do interesse público não podem se resumir a fornecer as informações que supostamente interessam ao público; o jornalismo tem a obrigação moral de deixar surgir e emergir a multiplicidade de opiniões da sociedade.

Baseado na Antropologia, o jornalismo etnográfico coloca a possibilidade de construir narrativas sobre alteridade, de apontar para as correspondências entre a vida como ela é e a vida retratada por essas narrativas. Enfim, pensar a humanização da cobertura jornalística, usando a lente etnográfica, é uma das metas da experiência que este relato oferece. A ação descrita neste texto procurou fazer com que seus atores, estudantes de jornalismo, e pesquisadores, mergulhassem em percursos pelo espaço urbano e elaborassem produtos de mídia, recriando a realidade desses lugares, suas personagens e seus hábitos. Se a realidade é compreendida como um todo complexo, não possível de ser apreendida em sua totalidade, assim, promover o exercício do jornalista para observar, participar e atuar junto com a comunidade é permitir um olhar menos ingênuo e centralizador dos fatos, que devem ser compreendidos como resultante de múltiplas interações entre sujeitos sociais. Decorre dessa compreensão que o fato não se encontra presente no mundo, possui fácil identificação ou está pronto para ser reportado pelo jornalista mas, antes, é uma construção do jornalista sobre e para a realidade. Assim, necessita do olhar construído e edificado 'na' e 'pela' comunidade.

Para essa experiência física da vida na cidade e para a criação colaborativa de narrativas foram usados celulares, *tablets*, câmeras de vídeo e de fotografia. Destes objetos surgiram narrativas que foram compartilhadas com outros participantes da cidade, por meio da disponibilização do conteúdo em redes sociais *online*.

2 A PROPOSTA

A proposta da ação aqui descrita foi a de levar alunos do quarto ano do curso de Jornalismo da UniCesumar a interagirem com os cidadãos transformando questões do cotidiano em textos, imagens e som. Os alunos deveriam transformar fontes, que somente fornecem declarações como 'testemunhas' ou que 'corroboram' verdades desejantes, em atores sociais. A ação descrita contou com duas etapas: uma de investigação e outra prática. Em primeiro lugar, com o objetivo de conhecer a comunidade do Borba Gato e seu entorno, visto que conhecer o *outro* em seu ambiente é fundamental para o

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

jornalismo etnográfico, foram realizadas oficinas, norteadas pela metodologia de pesquisa-ação. Sachs (2003) propõe que este método se encaixa na iniciativa de um profissional ativista, que busca efetuar transformações em suas próprias práticas, por meio da identificação de estratégias de ação que são implementadas a partir da observação e da reflexão (GRUNDY; KEMMIS, 1982).

A equipe se reuniu com estudantes da Escola Tomaz Edson e debateu sobre situação da dengue na comunidade do Borba Gato. Por meio do diálogo com esses 'outros' que, até então, não se conheciam – alunos e equipe de futuros jornalistas e pesquisadores. Os diversos grupos puderam estabelecer vínculos para a construção de uma 'equipe' preocupada com uma causa específica. Assim, além de poderem se autoidentificar, foi possível refletirem juntos sobre uma situação vivida na comunidade. A mediação dos estudantes do colégio estadual foi essencial para que, por meio da escola, os estudantes de jornalismo conhecessem a comunidade e os principais aspectos da região. O momento mais rico foi o relato feito por boa parte da turma, sobre duas alunas que tiveram a doença. As duas estavam presentes e reforçaram as informações sobre o desconforto físico e a convalescência da doença. Houve, ainda, diversos relatos de casos com familiares.

Nos encontros posteriores, foi realizada uma discussão para planejamento e definição das ações destinadas ao combate da dengue na comunidade. Nesse momento, pensamos 'com' a comunidade, exercendo papel de destaque na reflexão sobre as ações que se faziam necessárias para intervenção nos problemas vividos. Para além de somente cobrar ações efetivas dos poderes públicos – que, sem sombra de dúvida, são também responsáveis nas práticas de mudanças nos bairros –, os alunos foram encarados como sujeitos ativos no processo de transformação social (atores sociais), sugerindo estratégias e planejando ações com o objetivo em comum: reverter o quadro endêmico da dengue no bairro em vivem.

3 DESDOBRAMENTO ETNOGRÁFICO

Depois de conhecer um pouco da comunidade do Borba Gato e seu entorno, por meio da convivência com os estudantes, os graduandos de jornalismo planejaram uma mobilização no bairro transformando as ideias dos

estudantes em placas, adesivos, cartazes e folders, que foram desenvolvidos para fazerem parte de uma intervenção no lugar. A ação foi realizada num sábado (24 de setembro de 2014) num período pré-verão, quando começa a preocupação com o aumento dos focos de larvas do *Aedes aegypti*. Antes da ação, dois encontros foram realizados presencialmente com os estudantes do colégio estadual. A duração total da ação, entre o primeiro encontro e a intervenção na comunidade, no dia 29 de setembro, durou cerca de seis meses.

Desta forma, oito alunos e três professores do curso de Jornalismo percorreram as ruas do bairro, procurando se envolver ao máximo no cotidiano dos moradores. Um grupo procurou conversar com idosos; outro, com crianças e, um terceiro, com pessoas que se destacavam na comunidade. A ideia era fazê-los protagonistas dos registros sobre o drama da dengue no bairro, utilizando as estratégias propostas pelos adolescentes do Tomaz Edison. A equipe entendeu que, mesmo com a ausência dos alunos da escola local, era importante colocar em práticas as ações construídas para o planejamento da intervenção; afinal, eles são os sujeitos que vivem no bairro e que, portanto, conseguem mobilizar ideias que podem se mostrar efetivas com a população daquele local.

Foram produzidos vídeos curtos: com conteúdos relacionados ao tema, a partir dos depoimentos de moradores e das atividades lúdicas realizadas com crianças do bairro no Centro Social do Borba Gato. No que diz respeito à proposta de jornalismo de cunho etnográfico, chamou a atenção dos professores os textos produzidos pelos alunos após a experiência vivida.⁵

4 A PRODUÇÃO TEXTUAL

Para que seja possível fazer uma breve reflexão sobre como essa ação incidiu sobre a prática jornalística dos acadêmicos do curso de Jornalismo da UniCesumar, julga-se importante destacar alguns textos produzidos pelos próprios discentes. Nessas produções, é possível observar a descrição de uma situação vivida em determinada comunidade, mas fortemente, também, as implicações do exercício do jornalismo de contato com a comunidade: em que

⁵ Os textos estão disponíveis, na íntegra, numa plataforma desenvolvida para a produção de webjornalismo, disciplina oferecida no quarto ano do curso da UniCesumar, o site *Midiama*nia. Disponível em: <www.midiama.com/agenzia>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

a notícia não é pensada como produto pronto e acabado; ao contrário, a notícia é (e deve ser) instrumento de intervenção social, erigida juntamente com os atores sociais, que permitem um olhar mais complexo e humano para as situações que atingem os bairros.

O super-herói contra a dengue

O típico garoto de 10 anos gosta de futebol, brincar com os amigos e mostrar que pode e sabe se virar sozinho. Esse deveria ser o Vitor Gabriel, mas não. Ele tem uma característica a mais: sabe a importância que a família tem. O porquê disso? A mãe do menino teve dengue há um ano e Vitor sentiu a angústia de ver a mãe sofrendo daquela forma, apesar de não entender o que estava acontecendo. “Quando ela teve dengue eu estava viajando com minha avó, mas pelo telefone senti a dor dela”, conta o fã do Neymar.

*A família de Vitor mora no bairro maringaense Borba Gato. A cidade foi um dos municípios que mais sofreu com a epidemia da dengue em 2007 no noroeste do Paraná, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde. O conjunto habitacional conta com histórico de uma vítima fatal do mosquito *Aedes aegypti*. A vítima tinha 73 anos e foi diagnosticada com dengue num teste rápido, realizado no posto de saúde Iguaçu do bairro vizinho, em março de 2013. Desde, então, os moradores procuram manter-se mais atentos aos quintais de suas casas e também das casas vizinhas.*

A dona de casa Fátima desabafa que alguns moradores ainda não se deram conta do perigo que a doença pode trazer à população. “Até meus netos mais novinhos sabem do perigo do mosquito da dengue, enquanto meus vizinhos atraem a doença com esses quintais imundos”. Dona Fátima conhece Andreia, mãe de Vitor Gabriel e lembra que a costureira passou maus bocados por conta da doença. “Ela quase morreu, foi Deus que a livrou”.

O corajoso Vitor tem uma história com a dengue, já que além de sua mãe a irmã do garoto também foi picada pelo mosquito. Jéssica tem 13 anos. Dois meses após a cura da mãe, a adolescente teve os mesmos sintomas, mas não conseguiu ter a confirmação da doença. Andreia levou a filha no mesmo posto de saúde que havia sido tratada, mas o procedimento, infelizmente, não foi o mesmo. Jessica contou ao médico o que sentia, mas o profissional da saúde não pediu o exame e a medicou sem antes saber do que se tratava. Os sintomas não desapareceram e só parecia piorar. A garota gemia de dor e mal estar. A mãe, preocupada, resolveu levar a filha em outra unidade de atendimento, onde o exame foi realizado e constatou-se que Jessica também estava com dengue. A garota conseguiu se recuperar depois de longos períodos de sofrimento.

Vitor Gabriel lembra que a dengue não afetou só o cotidiano de sua família como também o de seus amigos. “Meu amigo João Mateus também foi picado por esse mosquito do mal e eu lembro que a gente não via ele na escola e nem podia brincar com ele, isso me fez sentir falta”, lembra o garoto. Corajoso e motivado, Vitor sabe exatamente o que fazer ao deparar-se com focos da dengue. Conhece os sintomas e sabe o que fazer antes de se desesperar. “Quando eu crescer, quero combater o mosquito que machucou as pessoas que amo, quero mostrar para ele do que sou capaz”.

Um super herói é um personagem fictício que utiliza super poderes contra o mau em interesse ao bem comum. O objetivo dos Super-heróis é, geralmente, a defesa do bem, da paz, o combate ao crime, tomando para si a responsabilidade de ser protagonista na luta do bem contra o mal. No entanto, um super-herói também pode ser um personagem real ou fictício que inspira qualquer pessoa a agir melhor. E isso é o desejo do Victor Gabriel. Um garoto de 10 anos que quer fazer o que for preciso para acabar com o mosquito Aedes aegypti e ainda mostrar às pessoas o que é preciso para evitar que mais pessoas sejam vítimas do vilão voador.

Esse texto, da acadêmica Eliza Bondezan, mostra o envolvimento com as crianças do bairro. Vê-se que o contato com as crianças e adolescentes permitiu uma análise muito além da pauta dengue. Ao narrar a situação, a futura jornalista de alguma forma construiu um momento outro, que já ocorreu, procurando dar vida à 'realidade'. Essas estratégias permitem continuar o diálogo com os atores sociais envolvidos na ação e, mais do que isso, estender aos que não puderam participar (a comunidade como um todo).

Embrenhar-se das características, da forma peculiar de viver o mundo daquele bairro permite ao texto uma vida repleta de sentidos, carregando traços (ainda que mínimos) do que foi estar ali, com o objetivo de sensibilizar os leitores.

Outro recurso muito utilizado na narrativa apresentada é o 'contar histórias' de pessoas da comunidade, a partir da ótica dos próprios moradores. Essa tática permite ressaltar as experiências vividas por pessoas que se deparam com a epidemia de dengue, como maneira de materializar que as consequências da dengue não acometem somente com os 'outros', como se vividas por pessoas distantes daqueles que têm acesso ao material jornalístico: a situação é local, fonte de relato de seus moradores. Relatos como o do pequeno Victor Gabriel servem como instrumento de 'localização' da situação problema, propiciam o compartilhamento de emoções e experiências entre os moradores do bairro, e podem ser vistos como estratégia de interpelação aos demais moradores a se atentarem para a situação vivida no bairro, e a buscarem soluções nas pequenas ações do cotidiano.

As sensações reproduzidas pelos personagens tiveram grande expressão nos textos etnográficos, que ganharam, inclusive, tom de diálogo, como é o caso do texto *Drama da dengue*, da acadêmica Fernanda Pedrone.

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

'Dor, muita dor!', era somente o que dizia Jéssica.

Do lado de sua casa havia não um, mas sim dois quintais abandonados. Um de cada banda.

Havia, além de muito mato, lixo, tambores, sacolas plásticas, garrafas PET e insetos. Diversos insetos. Entre eles, um em especial.

Há alguns meses sua mãe, Andréa, já havia sentido as mesmas dores que Jéssica: náuseas, fortes dores de cabeça e atrás dos olhos, febres altas, moleza em todo corpo e, ainda, manchas avermelhadas e grosseiras na pele. Foram tempos difíceis em que, Jéssica e seu irmão, Victor, de apenas nove anos, pensaram que poderiam perder a mãe para uma doença, aparentemente simples. A dengue.

*Com a luta de toda a família, os dois irmãos voltaram a respirar aliviados. Sua mãe estava devidamente medicada e devidamente curada. Mas o pesadelo não havia acabado por completo. Agora, era Jéssica quem tinha sido picada pelo mosquito transmissor da doença, o *Aedes aegypti*.*

Mesmo apresentando todos os sintomas que davam indício à dengue, a adolescente foi surpreendida ao ouvir da enfermeira do posto de saúde Iguaçu – localizado no próprio bairro Borba Gato – que ela não havia doença nenhuma, pelo contrário, estava muito saudável.

Inconformada, a jovem voltou para casa e adormeceu.

Sete e meia. 'Hora de levantar', pensou ela indo para o banheiro ainda sonolenta. Era uma quarta feira, dia da prova de matemática. Teria que ir para o colégio. Ao abrir os olhos, alcançou a sua escova de dente, colocou-se diante ao espelho e gritou!

Jéssica estava toda vermelha. Muito além do que já ficara alguns dias atrás. A espessura de sua pele também havia mudado, estava mais grossa e áspera. Sem pestanejar, chorou! 'Não é justo! Não é nada justo!' Repetia sem parar e se jogou na cama.

Quando chegou ao quarto e viu como a filha estava, Andréa não pensou duas vezes. Acalmou a filha em seus braços e resolveu ela mesma medicá-la, seguindo a receita que o doutor havia descrito para ela.

Ao lado da jovem, a mãe se preocupou em alimentá-la com produtos naturais que fazem bem ao organismo. Também forçou Jéssica a tomar muita água. Era necessário hidratar o corpo. A adolescente passou cerca de um mês em dieta especial até que se sentisse novamente saudável.

A partir desse pequeno excerto, foi possível notar como conhecer uma parte da cidade pouco frequentada pelos alunos de uma universidade privada mexeu muito com os jornalistas em formação. Por meio de histórias como a de Jéssica, os alunos puderam compreender como a população precisa também ser protagonista de sua vida, responsável por sua saúde, o que exige, por vezes, o olhar constante e atento para o próprio corpo, para os sintomas observáveis. Sem tentar ser instrucional, destaca características que devem ser observadas pela população, os canais (como as unidades básicas de saúde) de auxílio e de

tratamento e as ações que precisam ser tomadas frente à situação de enfrentamento à dengue.

Não obstante, o texto reforça que a dengue não é uma mera doença que carece somente de atenção periférica e datada. O relato de Jéssica e seus familiares sinaliza as consequências para a saúde de um indivíduo e, fortemente, as implicações que acarretam para a família. O poder da narrativa visa despertar nos moradores do bairro a atenção necessária e exigida pela situação problema vivida.

No texto abaixo, *Breno: herói, ator e professor*, da acadêmica Priscila Dias, destaca-se como as histórias narradas pelos futuros jornalistas mexem com a maneira de eles compreenderem e vivenciarem aquela realidade do bairro.

[...] E assim é Breno. Um menino pra lá de carismático que encanta tanto quanto as quatro estações. Não bastasse ser um menino daqueles que o instinto humano já pede para apertar a bochecha, ele era cheio de graça. Até a maneira como o apresentaram ganhou uma pitada de bom humor.

"Eu sou Caroline, mas podem me chamar de Carol. Ela é Rafaela, mas pode ser Rafa. Ele é Breno, mas podem chamar de... Ele vocês chamam de Breno mesmo", disse a irmã do menino.

No início era de poucas palavras, mas na primeira brincadeira se soltou. Foi de herói a ator em um intervalo de tempo que não passou uma hora. Não tinha pausa. Corria, sentava, bisbilhotava e voltava a correr. Ah, e era um aspirante a professor.

Em meio a brincadeiras, o papo era sério. Ele nunca foi picado, mas sabia o suficiente para querer se proteger e evitar essa tal dengue. Elencou sintomas, e até caiu na graça de encenar como uma pessoa "dengosa" estaria. Com os olhos fechados e fingindo um desmaio, ele dizia estar com muita febre e dor.

Ele nem deve ter se dado conta, mas estava se apresentado para um público. Uma voz se destacou ao perguntar para o menino como ele estava sentido o próprio corpo. Como um boneco de Olinda, Breno parecia não suportar o próprio peso e, respondeu: "olha, o corpo está mole, mole..."

Deitou no chão, suspirou e exclamou:

"Com dengue a vida não é fácil... Acho que vou morrer!"

Breno ressuscitou rindo. Talvez ele não saiba, mas já deixou sua marca na história. O legado desse menino pode não ganhar o mundo (e é bem provável que Breno não seja mais um nome de bairro), mas toda vez que eu ouvir esse nome que sempre terei uma divertida história para contar.

A partir desse excerto, destaca-se a reflexão de Fernandes (2008), apresentada no início deste artigo, sobre o papel do jornalista no ato de narrar. O relato jornalístico não pode se abster dos interesses e conhecimentos

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

132 | pessoais e profissionais de quem se empenha na construção da notícia. O jornalista deixa de ser mero observador para ser quem também vive a história: essa humanização o coloca entre iguais (com aqueles presentes em seu texto e os que irão lê-lo), denota que ele sente e se preocupa com a realidade que o cerca. Essa sensibilização é o que permite a singularidade do produto jornalístico que não será mais um entre tantos outros dentro de um molde padrão, formatado por regras: é o resultado de uma imersão, de uma experiência vivida e, portanto, único.

O texto apresenta, também, a figura de Breno, que, não raro, serve de metáfora de um lugar possível de ser ocupado por qualquer outro cidadão do Borga Gato: todos podem 'vestir' essa capa de superpoderes e fazer a diferença ali onde está. O 'preocupar-se' com a dengue se transmuta em algo corriqueiro sem que para isso precise ser apresentado como algo maçante, de forte carga didática, ou mesmo, impositória pela mídia. Entre as estratégias possíveis de serem observadas está a de se aproximar do leitor pela própria linguagem, falar com o 'outro' como se estivesse em uma conversa do dia a dia, em um vínculo estabelecido (e capaz de ser fortificado) no próprio 'verbo'.

A imersão na comunidade trouxe mais que a prática da técnica de escrita de um texto jornalístico. Permitiu a troca de experiências, como se pode constatar nos depoimentos dos acadêmicos feitos, posteriormente, em sala de aula. No que diz respeito à prática jornalística, com viés etnográfico, a acadêmica Sabrina Morello destacou que

de início, nós abordávamos os moradores pelo modo 'jornalista de ser', o que não deu muito certo. A frase: 'Olá, sou estudante do quarto ano de Jornalismo da Unicesumar, blá blá blá...', sempre recebia a mesma resposta: 'não tenho nada 'pra' falar não...'. Com o tempo e lembrando do que vimos sobre o jornalismo etnográfico, a ação precisou ser outra. Percebemos que abordá-los de uma maneira menos formal, jornalisticamente falando, deixaria o entrevistado menos desconfiado. Nesta ação, 'Como a senhora cuida do seu quintal?', 'O que o senhor faz 'pra' viver livre de dengue?', e 'A senhora já ficou 'dengosa'?' foram as abordagens que obtiveram mais sucesso. (MORELLO, 2014).⁶

⁶ Depoimento da aluna Sabrina Morello [nov. 2014]. Documento de texto, redigido como avaliação do projeto Agência *Midiama*.

“O foco era o entrevistado e não os entrevistadores”, disse Fernanda Pedrone.

Foi uma experiência única, em que foi possível ouvir mais e oferecer um espaço maior às pessoas que tinham tanto o que falar. Deixar a história se desenrolar naturalmente proporcionou para nós outra expectativa de como ficaria o material final. No meu caso, o personagem principal foi uma criança de apenas 10 anos de idade que conseguiu, sozinho, nos fornecer e conduzir uma história cheia de reviravoltas, às quais, eu não esperava. Foi surpreendente ainda todo o sentimento despertado em mim durante a visita. De compaixão, revolta e comprometimento. O sentimento de querer e fazer algo por aqueles moradores era grande porque o meu envolvimento pelo fato foi mais para o lado pessoal do que profissional. (PEDRONE, 2014).⁷

Isabella Cornicelli escreveu que foi extremamente enriquecedor. Lembrou que a área de estudo da comunicação trata dos aspectos do ser humano como indivíduo e como ser social,

o que pressupõe que estude a vida, os conflitos e tempos do ser humano. Durante a faculdade, tivemos diversas oportunidades para que este contato pudesse acontecer. Este contato com a comunidade nos ajudou a fortalecer nosso vínculo com as pessoas e com este jornalismo que propõe a todo o momento contar histórias, conhecer casos e prestar serviço. Um jornalismo que não se encarrega somente de denúncias e do ‘lado ruim’ do ser humano, mas de mostrar ao outro que, em cada canto do mundo, há alguém que vive uma história, talvez diferente, talvez igual a nossa. Com suas limitações, medos, angústias, felicidades, surpresas, emoções. Mas, com certeza, algo muito importante e que deve ser conhecido, buscado, relatado, contato e vivido (CORNICELLI, 2014).⁸

5 CONCLUSÃO

Este relato parte de alguns questionamentos cruciais na contemporaneidade: ‘O que pode o jornalista?’, ‘Qual papel da comunidade na resolução de seus problemas?’, ‘Como possibilitar o contato da academia com a sociedade?’. Talvez, o estudo não tenha permitido respostas prontas e profundas para essas perguntas. Mas é certo que trouxe novas reflexões para se pensar as práticas do jornalismo na promoção da saúde.

⁷ Depoimento da aluna Fernanda Pedrone [nov. 2014]. Documento de texto, redigido como avaliação do projeto Agência *Midiama*.

⁸ Depoimento da aluna Isabella Cornicelli [nov. 2014]. Documento de texto, redigido como avaliação do projeto Agência *Midiama*.


Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

Ao tentar responder a questão de como o comunicador pode agir para transformar cidadãos em ativistas da saúde, esta pesquisa lançou mão da valorização da principal função do jornalismo e de uma nova abordagem da comunicação. Sob o primeiro aspecto, o grupo de pesquisadores refletiu sobre o jornalismo antropológico, que procura organizar seu discurso por meio das representações encontradas no ambiente em que atua. Trata-se de estreitar as relações do jornalista com a realidade que busca reconstruir em suas matérias: considerando a complexidade da realidade, é frutífero que o profissional da informação vivencie e conheça em profundidade os atores, locais e processos envolvidos na informação. Nessa etapa, buscou-se despertar nos acadêmicos de Jornalismo a importância que o 'outro' assume na constituição do 'mesmo', do 'eu': os sujeitos e as narrativas são históricas, construídos por processos simbólicos que implicam significações 'do' e 'para' o mundo.

Para, em outro momento, realizar oficinas, mobilizações e atuações realizadas *in loco*, no cenário enfermo de uma das regiões atingidas pela dengue, em Maringá. Estas ações tiveram como combustível o diálogo, o lúdico e a conscientização a partir das práticas encontradas na própria comunidade. As atividades foram propostas por estudantes de uma escola estadual e deram suporte a ações de promoção da saúde, por meio da tentativa de mudar o comportamento dos cidadãos em relação ao ambiente, conquistando, em consequência, o controle dos focos do mosquito da dengue.

Nesse momento, destaca-se a importância do exercício jornalístico pensar 'com' a comunidade e não somente 'para' ou 'sobre' alguma situação específica. A própria noção de cidadania implica o reconhecimento dos sujeitos como construtores da sua própria história e é necessário que os espaços de promoção do falar, discutir, dialogar sejam alargados e propiciados pela mídia. Esta deve se esquivar de somente denunciar e se preocupar com seu papel de instância social, legitimadora da cidadania: precisa estabelecer elos com as comunidades, com os especialistas, com o poder público para que, conjuntamente, dialoguem em busca de soluções reais para problemas específicos. Neste cenário, todos os atores sociais envolvidos no processo são chamados a ocupar lugar de destaque na resolução das mais diferentes questões da sociedade.

Não é somente o 'outro' (às vezes, tão distante e inalcançável) a solução ou o responsável pelas mazelas da sociedade. Ações efetivas são esperadas e devem ser desempenhadas por cada um, em seu cotidiano. Na ação executada, o jornalista empoderou a comunidade a partir do momento em que agiu utilizando as propostas dos alunos do colégio e produziu material midiático com a voz dos sujeitos que vivem no Borba Gato.

Assim, acredita-se que foi possível desenvolver uma nova prática de ativismo em saúde e de jornalismo, a partir do momento em que se buscou informações na comunidade e esses dados foram trabalhados sob aspectos e linguagens diversas, a partir da visão plural de diferentes profissionais, o que amplia as chances de se atingir o público que, também, interpreta estas mensagens a partir das próprias experiências, especialmente, quando estas são disseminadas em tecnologias digitais. Mais especificamente, acredita-se que a pesquisa contribui para que novos atores se juntem ao grupo com novas propostas que venham dar conta de reestruturar ações de disseminação de informações com as características que a contemporaneidade demanda. 

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Redes de produção de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- COX, Geoff; KRYSA, Joasia (Eds.). **Engineering culture: on the author as (digital) producer**. Plymouth: Autonomedia, 2005.
- DOMINGUES, Diana. Softwares sociais: o autor como produtor de ciberativismo cultural. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 16., 2007, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Compós, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_169.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2014.
- _____; LUCENA, Tiago. Reingeniería de la vida urbana: público y privado integrados en las tecnologías móviles. **Cibertronic**, Buenos Aires, v. 1, n. 2, nov. 2011. Disponível em: <http://www.untref.edu.ar/cibertronic/lopublico_loprivado/nota6/nota.html>. Acesso em: 26 abr 2014.
- FERNANDES, Márcio. **Civic journalism: haverá um modelo brasileiro?** Editora Unicentro, 2008.

Jornalismo etnográfico: um relato de mobilização contra a dengue

GRUNDY, Shirley; KEMMIS, Stephen. Educational action research in Australia: the state of the art (an overview). In: KEMMIS, Stephen et al. **The action research reader**. Geelong: Deakin University Press, 1982.

LAGO, Cláudia. **Antropologia e Comunicação**: a apropriação do Pierre Bourdieu antropólogo pelo campo da Comunicação. Campinas: Ethos Anpocs, 2002. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4537&Itemid=356>. Acesso em 28 abr. 2013.

_____. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 164-178, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/253/252>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

MARTINEZ, Alejandro. Novo mapa colaborativo rastreia ataques contra jornalistas e usuários de mídias sociais no México. **Blog Jornalismo nas Américas**, 30 abr. 2013. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-13755-novo-mapa-colaborativo-rastreia-ataques-contrajornalistas-e-usuarios-de-midias-sociais>>. Acesso em: 20 abr 2014.

MENDES, Eugênio Vilaça. **As redes de atenção à saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

SACHS, Judyth. **The activist teaching profession**. Buckingham: Open University Press, 2003.